

RESENHAS

L'ÉCOLE PRIMAIRE AU QUOTIDIEN

RÉGINE SIROTA

Paris, PUF, 1988. 195 p.

A pesquisadora francesa Régine Sirota é membro da equipe de pesquisa de Sociologia da Educação implantada no Departamento de Ciências da Educação da Universidade de Paris V.

Seu livro, recentemente publicado em Paris sob o título de *L'École Primaire au Quotidien* (ainda não traduzido em língua portuguesa), constitui a tese de doutorado que defendeu em 1984 naquela Universidade, sob a orientação de Viviane Isambert Jamati.

A resenha que se segue é fruto da intenção manifesta de suscitar no leitor (mas também no editor) brasileiro o interesse por um trabalho cujo itinerário teórico-metodológico e, sobretudo, cujos resultados obtidos em muito contribuem para o enfrentamento de questões fundamentais que a conjuntura teórica atual coloca para a pesquisa educacional.

Não pretendo remontar aqui ao contexto das análises sociológicas dos sistemas escolares dos anos 1960/70 na França, marcado pelo reducionismo econômico ou, em todo caso, pelo determinismo social das teorias da reprodução. Entretanto o significado maior que atribuo ao trabalho de Sirota é o de criticar e ultrapassar o determinismo dessas análises, adotando para isso a atitude interpretativa que caracteriza a perspectiva interacionista, e descendo ao nível microsociológico da sala de aula.

Restringindo-se ao exame específico da escola primária, "pois não se pode transportar de um grau a outro do sistema de ensino as mesmas lógicas sociais", o grupo de pesquisadores — sob a orientação da autora — observou diretamente, com a ajuda de dispositivos metodológicos especialmente concebidos para um estudo de natureza sociológica¹, as interações cotidianas entre professores e alunos de sete turmas (mistas quanto à composição social dos alunos) da penúltima série de diferentes escolas primárias da região parisiense; essa amostra correspondeu a 7 professores e 175 alunos (o que leva a autora a reconhecer prudentemente o caráter monográfico de seu estudo).

Encarando a situação escolar² como um jogo em boa parte social ou institucionalmente condicionado, mas que

apresenta em parte contornos ou resultados até certo ponto indeterminados, o estudo busca desvendar a "gramática das relações no interior da sala de aula" e, em particular, os mecanismos concretos que produzem as desigualdades escolares. Em se tratando da escola francesa, o eixo da análise não poderia deixar de ser a rede de comunicação verbal que se tece entre os atores sociais³. Com que frequência, intensidade e de que maneira os alunos intervêm ou fazem uso da palavra, segundo sua origem de classe? Como varia a resposta dos professores face a esses tipos distintos de comportamento? Qual a rentabilidade pedagógica de cada uma dessas situações? Eis as principais indagações que se fez Sirota. E através da análise do "vivido" tentou, de um lado, devolver certa margem de autonomia às práticas docentes (reduzidas pelas análises estruturais ao aspecto do pertencimento de classe do professor). E de outro, reconstituir os comportamentos dos alunos, suas estratégias de comunicação e sua relação ao trabalho escolar; interpretando tudo isso no quadro de uma sociologia das classes sociais, bem como à luz do papel e do lugar que a escolaridade elementar ocupa no conjunto das estratégias de socialização próprias de cada grupo social.

O plano da obra revela uma arquitetura em vários níveis. A autora procede a uma competente revisão bibliográfica dos estudos já produzidos sobre a sala de aula pela pesquisa francesa no campo das ciências humanas, pela

- 1 Tendo-se tornado só muito recentemente um objeto de estudo da Sociologia da Educação (e isto vale sobretudo para a Sociologia da Educação em língua francesa), a sociologia da sala de aula carece ainda de instrumentos mais finos de observação tais como aqueles já construídos pelas abordagens de caráter psicopedagógico.
- 2 Lembre-se que a noção de "situação" é uma noção chave do interacionismo simbólico. Ela exprime a fragilidade, a temporalidade, enfim o caráter de permanente reconstrução da realidade social, e o papel criativo que os atores sociais desempenham na construção cotidiana dessa realidade.
- 3 Em um artigo de 1967 intitulado "Sistemas de Ensino e Sistemas de Pensamento", Bourdieu comentou esse traço da personalidade intelectual francesa que é o "culto professoral da proeza verbal", atribuindo ao sistema escolar uma grande responsabilidade na constituição, manutenção e reforço desse traço (P. Bourdieu, *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1987, p.222).

sociologia britânica e pela antropologia americana⁴, e conclui pelo desenvolvimento incipiente e tardio da primeira em relação às duas últimas. E isso, mesmo quando se tem em mente que, também nos países anglo-saxões, o empirismo metodológico (das *survey researches*) prevalente nos anos 1950 e início dos anos 60 em muito contribuiu para que esse gênero de estudos tivesse se eclipsado.

O segundo capítulo descreve em detalhes o quadro metodológico da pesquisa: o conjunto de variáveis que compõem a grade de análise, os critérios que presidiram à definição da amostra etc. Os três capítulos seguintes discutem os pressupostos teóricos implicados na questão e adiantam alguns resultados gerais. Finalmente, os quatro últimos capítulos analisam em profundidade a relação da escola primária com cada classe ou fração de classe, a saber com as classes populares, com os quadros médios, com os artesãos/pequenos comerciantes e com os quadros superiores/profissionais liberais, respectivamente. E é aqui, a meu ver, que o livro adquire todo o seu valor de reexame das interpretações sociológicas tradicionais do fenômeno do desempenho escolar, e se revela portador de descobertas interessantes.

A primeira delas diz respeito à constatação de que é impossível atribuir-se a uma classe social comportamentos homogêneos no que se refere à problemática em questão. Com efeito, a investigação comprovou diferenças significativas entre frações de classe. No seio das classes populares, por exemplo, entre os alunos provenientes de famílias operárias e aqueles filhos de empregados dos estratos inferiores do terciário, há uma variação quanto às condições de integração ao jogo escolar: enquanto os primeiros tendem a uma fraca participação e a se distanciar desse jogo, os últimos parecem adaptar-se mais respeitosamente às suas regras, sobretudo em razão de uma maior proximidade com o universo cultural da escola e de um maior investimento familiar em relação a ela. De modo análogo, a categoria artesãos/pequenos comerciantes — que a literatura sociológica costumava aproximar das posições das classes populares — revelou aparentar-se mais, quanto aos comportamentos e práticas escolares, às camadas médias assalariadas, e por vezes até mesmo ultrapassá-las, em matéria de intensidade do esforço para se inserir no processo de comunicação que ocorre na sala de aula. Esse último fenômeno deve ser entendido como uma mu-

dança nas relações entre o artesanato e a escola, em função das próprias transformações sócio-econômicas que esse grupo social vem sofrendo.

Uma outra contribuição importante consiste no fato de que o estudo coloca em dúvida algo geralmente tratado pelo discurso sociológico como um truísmo: a superioridade escolar das camadas superiores. A pesquisa verificou que os indicadores de participação e de integração (em suma, de rentabilidade do comportamento escolar) não se distribuem de modo linear com as categorias sócio-econômicas se justapondo hierarquicamente num crescendo, mas sim na forma de uma curva, dado que certas posições apresentadas pelos alunos das camadas sociais superiores (quadros superiores/profissionais liberais) ficam nitidamente aquém daquelas manifestadas pelos quadros médios e artesãos, aproximando-se até mesmo, em alguns casos, dos resultados obtidos pelas classes populares. A explicação para esses fatos, à primeira vista tão surpreendentes, põe mais uma vez a autora no encaixo das atitudes dessas camadas superiores face ao tempo social que a infância representa, e de suas estratégias em relação a essa agência de socialização que é a escola primária. Apresentando um comportamento em sala de aula que os professores qualificam de "demasiadamente descontraído", esse aluno possui a desenvoltura comportamental e verbal das camadas médias frente às atividades escolares, mas com elas não se identifica na capacidade de investimento escolar.

Já a demonstração das peculiaridades que envolvem a relação das classes médias com a escola e do papel crucial que essas classes desempenham na definição das normas escolares constitui uma contribuição menos nova. No entanto, a desmontagem dos mecanismos através dos quais se dão concretamente a completa adequação entre o lar e a escola, e o super-investimento escolar por parte dessas crianças, não deixa de representar um bom passo à frente para o conhecimento sociológico.

Também a iniciativa de interpretar os comportamentos, práticas e posições escolares dos diferentes atores,

4 O texto deste capítulo já havia sido publicado anteriormente — com ligeiríssimas modificações e sob o mesmo título — na *Revue Française de Pédagogie* nº 80, jul./ago./set. 1987, p.69-97.

em referência às diferentes estratégias de socialização e de escolarização de cada fração de classe, é pertinente e revelou-se fecunda. A partir daí pôde Sirota se aperceber de que a relação que as classes populares, médias e as elites mantêm com a escola primária é sobretudo, e respectivamente, uma relação de confronto, complementaridade e concorrência.

Julgo, portanto, que o mérito maior desse livro reside em sua bem sucedida "tentativa de articulação da perspectiva microssociológica com a perspectiva macrosociológica", como a própria autora qualifica o trabalho. Ao estabelecer as conexões entre os *comportamentos realmente observados* e as estruturas sociais mais amplas, ela nos oferece um exemplo *concreto* da tão apregoada (mas tão pouco realizada) articulação desses dois níveis de análise.

É que — como advertem Karabel e Halsey⁵ — as dificuldades de se levar a bom termo uma tal empreitada são de duas ordens. Não basta, com efeito, que o pesquisador supere os obstáculos técnicos que a tarefa propõe (e, nesse particular, Sirota parece ter-se saído muito bem). É preciso ainda que ele dê provas da vontade teórica que habilita para esse exercício. E no tocante a esse segundo aspecto, a autora conseguiu manter — ao longo de todo o trabalho — o necessário equilíbrio entre, de um lado, a margem de criatividade que apresentam os atores sociais em suas ações cotidianas, e de outro, os limites impostos a essa criatividade pelas exigências políticas e econômicas externas.

Diferentemente das abordagens interacionistas ortodoxas, a autora não renunciou ao manejo de categorias macroscópicas tais como "classe social", ou daquelas a que nos acostumamos a encontrar na obra de P. Bourdieu e seus colaboradores, tais como "capital cultural", "habitus familiar", "destino escolar" etc. (aliás, e não é por acaso, toda a análise dedicada às camadas médias baseia-se particularmente nas teses bourdieunianas). Mas também

5 Ver J. Karabel e A. H. Halsey, *Power and Ideology in Education*. NY, Oxford University Press, 1977, p.59.

6 Cabe lembrar que em seu artigo "A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura" (in *Educação em Revista*, nº 10, dez. 1989), P. Bourdieu classificou a categoria dos empregados como "estratos inferiores das classes médias".

não ignorou a parte que cabe à "definição em situação", isto é, à reinterpretação da realidade social pelos indivíduos, na compreensão das rotinas escolares. Esta justa dosagem entre a atitude objetivista e a postura interpretativa responde certamente pelo êxito desse livro.

Como se vê, a obra de Sirota deixa pouco lugar para críticas. Mencionarei apenas uma questão que me parece reclamar maior atenção. Ela concerne ao procedimento usado no trato da categoria dos empregados (estratos inferiores do terciário) que a autora incluiu no rol das classes populares. Entretanto, as diferenças verificadas pela pesquisa, que separam esse grupo social do restante das classes populares (pessoal de serviço e operários), não justificariam um tratamento em separado, tal como aquele dispensado à categoria dos artesãos? Muito provavelmente a origem dessas discrepâncias guarda uma relação com a própria dificuldade de se situar com precisão esse grupo na hierarquia das posições sociais⁶.

Apesar de se tratar de um livro sobre a escola primária francesa, apesar das restrições que uma amostra reduzida coloca para a generalização dos resultados, com certeza esse exemplo de como conjugar a acuidade da observação microcós mica (para captar o singular em cada processo social) com os aportes das grandes teorias explicativas das regularidades sociais beneficiará enormemente o leitor brasileiro.

Maria Alice Nogueira

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA

ANA TEBEROSKY e BEATRIZ CARDOSO (orgs.)

São Paulo/Campinas, Trajetória Cultural/Ed. da UNICAMP, 1989, 272p.

Atualmente, após as recentes investigações realizadas nas áreas de psicologia, lingüística e psicolingüística, os educadores têm questionado as abordagens "escolares" dos diversos objetos de conhecimento e refletido sobre suas práticas pedagógicas em relação a estes objetos, em particular sobre o ensino da leitura e da escrita. Ana Teberosky